



### Representações sociais e educação ambiental: surdos no filme *A gangue*<sup>1</sup>

Saionara Figueiredo Santos<sup>2</sup>

Fabiana Paula Bubniak<sup>3</sup>

Bruno Panerai Velloso<sup>4</sup>

Resumo: Este artigo é reflexo do aprofundamento do estudo apresentado no VII Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental. Neste pretendemos destrinchar as representações sociais de sujeitos surdos, presentes no filme *A Gangue* (2014).. A partir do projeto de extensão intitulado “Cineclube Surdo”, executado junto aos servidores e alunos do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Palhoça Bilíngue (o qual atende surdos em sua prioridade), tínhamos como objetivo principal apresentar à comunidade produções cinematográficas realizadas por sujeitos surdos ou que representem a cultura dessa minoria linguística. No caso do filme *A Gangue*, este estava entre estas produções o filme escolhido para ser objeto de análise deste estudo. Assistiram este filme alunos surdos e ouvintes e servidores do campus, além de membros das associações de surdos catarinense. Após assistirem o filme, foi realizado um debate orientado por questões acerca da representação dada ao surdo, a estética dada a esta temática e a linguagem utilizada. A discussão foi estimulada, focada na representação surdo como criador no campo da arte e da importância do ensino de técnicas audiovisuais que podem dar voz a esse público na cultura popular. Neste estudo, buscamos articular as falas coletadas destas discussões com as abordagens teóricas da Educação Ambiental, evidenciando novas perspectivas de articulação e o seu caráter transcendental.

Palavra Chave: cinema, surdo, cultura surda, educação ambiental.

<sup>1</sup> Projeto financiado pelo edital APROEX 01/2015 do Instituto Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduada em Pedagogia pela Universidade das Américas e também graduada em Tecnologia em Saneamento Ambiental pela Faculdade de Tecnologia Centec (FATEC). Atualmente, trabalha como Professora da área de Tradução, no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). E-mail: [saionara.figueiredo@gmail.com](mailto:saionara.figueiredo@gmail.com)

<sup>3</sup> Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). É Mestre em Ciências da Linguagem na Universidade do Sul de Santa Catarina (2016) e Especialista em Comunicação Audiovisual pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2003). Possui graduação em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2000). É professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. E-mail: [fabibubniak@gmail.com](mailto:fabibubniak@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutor em Eng. e gestão do conhecimento (2014), possui graduação em Engenharia de Computação pela Universidade Federal do Rio Grande (2005) e mestrado em Ciências da Computação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008). E-mail: [bpveloso@gmail.com](mailto:bpveloso@gmail.com)

## Social representations and environmental education: deaf on the film *The tribe*

**ABSTRACT:** This article reflects the deepening of the study presented at the VII Meeting and Dialogues with Environmental Education. In this we intend to unravel the social representations of deaf subjects, present in the film *The gang*. From the extension project "Cineclub Surdo", executed with the servers and students of the Federal Institute of Santa Catarina, campus Palhoça Bilingual (which attends deaf in its priority), we had as main objective to present to the community cinematographic productions made by subjects deaf or representing the culture of this linguistic minority. In the case of the film *The gang*, this was between these productions the film chosen to be object of analysis of this study. This film was watched by deaf students and listeners and servers of the campus, as well as members of associations of the deaf from Santa Catarina. After watching the film, a debate was conducted, guided by questions about the representation given to the deaf, the aesthetics given to this theme and the language used. The discussion was stimulated, focused on deaf representation as a creator in the field of art and the importance of teaching audiovisual techniques that can give voice to this public in popular culture. In this study, we sought to articulate the statements collected from these discussions with the theoretical approaches of Environmental Education, evidencing new perspectives of articulation and its transcendental character.

Keywords: cinema, deaf, deaf culture, environmental education.

### Introdução e contextualização teórica

Este artigo visa abordar as experiências obtidas durante a exibição do filme *A Gangue*, durante o projeto de extensão intitulado: Cineclub Surdo. O projeto foi financiado pelo Instituto Federal de Santa Catarina e ocorreu no campus Palhoça Bilíngue. Para melhor compreender os objetivos do projeto e o objeto de análise deste artigo, é necessário primariamente entender o contexto cultural e linguístico do campus.

O campus Palhoça Bilíngue do IFSC possui essa especialidade em virtude do esforço em conseguir atender alunos surdos respeitando suas especificidades. Há um esforço do campus no geral em ser bilíngue (Língua Brasileira de Sinais – Língua Portuguesa); ressaltamos também que o campus é a primeira unidade de ensino profissionalizante voltada para a educação de surdos na América Latina. Ele surgiu após muita luta em favor da manifestação da necessidade de respeito pela língua e cultura destes surdos<sup>5</sup>, luta esta culminada em 2013, com o intuito de atender os surdos com ensino pedagogicamente adequado e de qualidade. O IFSC Palhoça Bilíngue visa atender os surdos, quebrando o paradigma da deficiência/incapacidade, promovendo interações sociais entre as interações e (re) constituição de suas subjetividades, partindo estas tanto de surdos quanto de ouvintes.

---

<sup>5</sup> Surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais. O campus atende todo e qualquer surdo (até mesmo surdos que não usam a Libras), inclusive, surdos que possuem autismo e/ou outras particularidades.

O campus constitui-se de dois eixos principais pedagógicos: o Eixo multimídia, cujo objetivo é atender as demandas áudio e principalmente visual e o Eixo Bilíngue, que se compõe por cursos voltados ao desenvolvimento e difusão de conhecimentos na área da Educação de surdos. É pertinente dizer que todos os cursos do campus possuem alguma ligação com a Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras. Assim, o campus, além de um papel linguístico, também possui e evidencia o seu papel social de conscientização de como o surdo pode contribuir em sociedade, bem como os cursos, se corretamente pensados para tais sujeitos, podem englobar novas áreas de conhecimento também pertinentes às pessoas ouvintes.

Neste ínterim, é possível perceber que o papel que a visualidade assume na cultura surda, ou seja, o jeito surdo de perceber o mundo por meio de estratégias que não seja a auditiva. Sendo assim, pesquisas evidenciam que o Cinema vêm sendo uma estratégia de captação de imagem em movimento e são, atualmente, parte importante do posicionamento político dos surdos contra o preconceito; além disso, principalmente, vêm sendo usado como registro histórico de sua produção intelectual na Libras, uma língua visual espacial, que precisa da imagem para ser compilada. Portanto, é possível afirmar que tanto a língua quanto a cultura surda vêm sendo alvos de estudos antropológicos e etnográficos, que exaltem cada vez mais seu caráter visual.

Entre tais pesquisas, podemos citar Strobel (2013) que disserta sobre a visualidade e a facilidade que o surdo tem ao se expressar utilizando imagens. Schuchman (1999), por outro lado, já traz dados sobre como o surdo é representado no Cinema. Entretanto, os surdos, na maioria das vezes não são protagonistas dessas histórias, já que a grande maioria destes registros é realizada por ouvintes, ou seja, por pessoas que não tem um olhar implícito de cultura surda. Essa visão distorcida acaba por retratar personagens surdos de maneira estereotipada ou vitimizada, evidenciando a necessidade de se analisar como os sujeitos surdos se percebem diante destas representações de si mesmos.

Em sua dissertação de mestrado, Santos (2013) estabelece relações entre visualidade e a Educação Ambiental, principalmente em relação a construção da significação, corroborando com a ideia de Pino (2006) e com a perspectiva de Educação Ambiental de Loureiro (2006). A autora demonstra a possibilidade e necessidade da articulação entre visualidade e Educação Ambiental ao afirmar que:

Nesse sentido, a formação crítica para a emancipação e reflexão sobre a relação da significação e formação do ser humano também são válidas. São experiências fundamentais e também imagéticas, embasadas na

criatividade, na identificação com nossa comunidade e nas relações historicamente construídas. (SANTOS, 2013, p. 55)

Em seu estudo, Pino (2006) explica que todo conhecimento imagético adquirido (inclusive filmes, como no contexto deste estudo) é derivado das percepções de mundo e subjetividade individual de cada pessoa. Pino (2006, p. 21) define a imagem como “algum tipo de reprodução das coisas (objetos, eventos, figuras, pessoas, etc.) que permite ao sujeito torna-las presentes e evoca-las quando estão ausentes”. O autor também acrescenta que:

[...] se originalmente a imagem é um fenômeno natural, tratando-se de um organismo humano ela é também um fenômeno cultural que resulta de um complexo processo mental de conversão dos sinais em conjuntos imagéticos portadores de significação. Isso confere à imagem natural um estatuto novo de representação simbólica da realidade, o que permite a esse organismo transcender a materialidade e a singularidade das coisas para atingir um conhecimento imaterial e generalizante delas. (2006, p. 22)

Ou seja, se a imagem é um fenômeno natural de origem cultura, onde os sinais imagéticos se convertem em significados, podemos aproximar esta realidade de maneira concisa à realidade dos surdos. Tais representações atualmente feitas, cujo cunho seja a pessoa surda, também são absorvidas pelo público, permeando o imaginário e a subjetividade individual para significação particular. É nesse contexto onde a ligação com a Educação Ambiental se faz possível, já que o conceito e a significação de meio ambiente perpassa também o campo das relações sociais e relações consigo mesmo, conforme autores como Loureiro (2006) dissertam; a Educação Ambiental passa a atuar como elemento de transformação social, onde o diálogo entra como base para se conseguir entender conceitos como o de cidadania, e, assim, comunidades e indivíduos são fortalecidos e ideais de dominação podem ser superados. Ele disserta:

[...] Numa perspectiva transformadora e popular de Educação Ambiental, nos educamos dialogando com nós mesmos, com aqueles que identificamos como sendo de nossa comunidade, com a humanidade, com os outros seres vivos, com os ventos, as marés, os rios, enfim, o mundo, transformando os conjuntos das relações pelas quais nos definimos como ser social e planetário (LOUREIRO, 2006, p. 24)

A partir da perspectiva de Educação Ambiental Transformadora na qual Loureiro (2006) nos norteia, é que analisamos falas de dois sujeitos que estiveram presentes durante as sessões do Cine Clube, na exibição do filme *A Gangue* (2014). Nesta análise,

abordaremos conceitos que surgiram das falas destes sujeitos, como por exemplo, o conceito de comunidade, com aspectos humanos inseridos no “meio ambiente”, onde os surdos podem se identificar e desenvolver sua criticidade.

## Metodologia

Para que se entenda a metodologia utilizada neste artigo, precisamos primeiramente explicar que este artigo se refere à apenas um filme exibido dentro do projeto. Assim, precisamos também falar sobre as condições que foram necessárias para que o projeto acontecesse. Primeiramente, o projeto foi financiado pelo edital APROEX 01/2015, edital este de fomento do próprio Instituto Federal de Santa Catarina.

O projeto visava escolher e exibir filmes que fossem de diretores surdos ou que representassem surdos em cada história contada. A primeira etapa, portanto, foi encontrar um número suficiente de filmes que contemplassem estas exigências. Assim, foram selecionadas as obras de curta e longa-metragem mais expressivas que foram exibidas nas sessões do cineclube, a partir de temáticas como: representatividade da cultura surda, uso de língua de sinais, presença de atores, e possuir membros da equipe ou diretor surdo(s). Para as sessões, foram convidados os servidores e alunos do Câmpus Palhoça Bilíngue, os membros das associações de surdos de Palhoça, São José e da grande Florianópolis e o público em geral interessado em cultura surda. A imagem abaixo mostra todos os filmes exibidos no CineClube e suas referidas datas de exibição, todas ocorridas no ano de 2015:

| Filme                                       | Data  |
|---|-------|
| 1. Switched at Birth                        | 01/04 |
| 2. Filhos do Silêncio                       | 16/04 |
| 3. The Hammer                               | 30/04 |
| 4. Nada Que Eu Ouça                         | 06/05 |
| 5. Assassino em Silêncio                    | 14/05 |
| 6. A Gangue                                 | 21/05 |
| 7. I Love You                               | 28/05 |
| 8. Deafula                                  | 18/06 |
| 9. A Família Belier (Câmpus Palhoça)        | 25/06 |
| 10. A Família Belier (Associação de Surdos) | 02/07 |

Imagem 1: Lista dos filmes exibidos no CineClube.

Após esta etapa, divulgação de vídeos com as sinopses dos filmes em Libras foram divulgadas para comunidade interna e externa do campus Palhoça Bilíngue, além de divulgação em meios tradicionais como lista de e-mails do campus, cartazes, flyers, redes

sociais e visitas presenciais em algumas escolas que possuem surdos como alunos nos arredores.



Imagem 1: Print da divulgação realizada para o filme A gangue, com a tradução da sinopse para a Libras. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IVbxivMMwT8>.

As exibições ocorreram quinzenalmente, no campus Palhoça Bilíngue, com a duração de 3 horas. Nas primeiras duas horas, o filme programado para o dia era exibido (isso no caso de se categorizarem como longas metragens ou filmes). Para as curtas-metragens, um tempo menor era dedicado à exibição e geralmente o período estendido era inferior. Após a exibição, um debate era iniciado sobre aspectos ocorridos no filme, sempre mediados por um docente. Todos os debates foram registrados em vídeo e, posteriormente transcritos e assim, sendo possível de se analisar os discursos ali ocorridos. É importante ressaltar que houve a presença de intérpretes de Libras em todas as exibições, para facilitar a mediação linguística dos surdos para com os ouvintes que não sabiam Libras.

Nos debates, o direcionamento dado pelos docentes era sobre questões de linguagem, representatividade do surdo no cinema, além de aspectos acerca da estética e identidade surda. A discussão sobre onde o surdo se insere no contexto da criação deste tipo de mídia no campo da arte foi estimulada, com o intuito de fazer os presentes pensarem em como essas relações se constituem. Outros aspectos demonstrados nas exibições argumentam sobre as relações sociais dentro da comunidade surda, o que gerava mais identificação por parte do público surdo.

Neste caso deste artigo, traz-se comentários de dois alunos (um surdo e um ouvinte) que participaram da sessão que exibiu o filme *A Gangue*, no dia 21/05/2015. O filme retrata a história de um surdo que se envolve em muitas ilegalidades e acaba entrando numa gangue, constituída também de outros surdos.

Na plateia, estavam presentes tanto alunos surdos quanto ouvintes que reconheceram na história exibida sua própria experiência, conforme depoimentos dados ao final da sessão. A partir dos dados coletados, passa-se a análise dos dados, usando como base epistemológica a teoria crítica da Educação Ambiental.



Imagem 3 - Estrutura de exibição dos filmes, com apoio do intérprete de Libras para mediar os debates.

### **A Gangue**

*A Gangue* (2014) de Myroslav Slaboshpytskiy se passa em um internato para surdos. A história acompanha Sergei que, assim que chega no internato, se vê envolvido em um sistema de crime organizado, incluindo roubo e prostituição. Gradualmente, ele conquista seu espaço na gangue porém as coisas se complicam quando ele se apaixona pela namorada do líder. O filme é todo em língua de sinais ucraniana sem legenda ou dublagem. Venceu o prêmio principal da Semana da Crítica do Festival de Cannes em 2014. A trilha sonora do filme é composta apenas pelo som ambiente captado durante as filmagens. O diretor e a equipe são ouvintes mas o elenco é formado na sua totalidade por atores surdos. A maioria em seu primeiro papel no cinema.

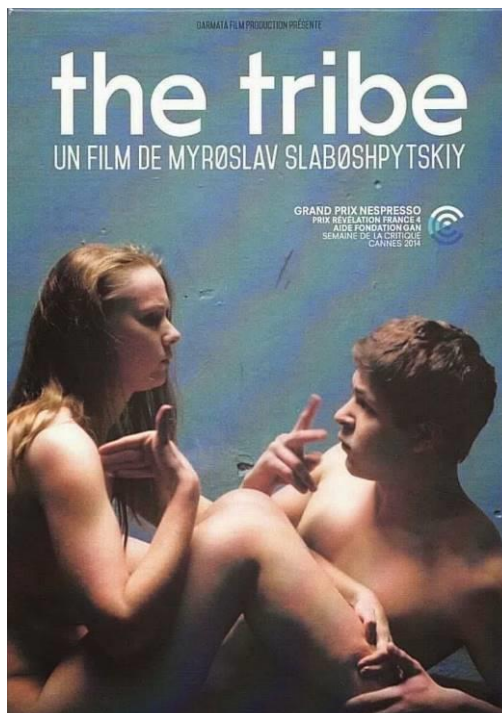


Imagem 4: Capa do filme *A Gangue*.

*A Gangue* é o primeiro longa de Myroslav Slaboshpytskyi, ucraniano, que em 2010 lançou o curta *Deafness*, que deu origem a ideia de fazer um longa em língua de sinais em legenda. O contato de Slaboshpytskyi com a comunidade surda vem da adolescência, quando ele estudou em um internato (o mesmo usado como locação para *A Gangue*) que ficava em frente a uma escola de surdos. O contato com os garotos surdos, no entanto, se resumia a jogos de futebol e brigas de rua.

Os adolescentes do filme são todos surdos e *A Gangue* é sua primeira experiência como atores. Slaboshpytskyi pediu ajuda a associação nacional de surdos da Ucrânia para divulgar os testes de elenco. Mais de trezentos adolescentes participaram, da Ucrânia, da Rússia e da Bielorrússia. As filmagens ocorreram em Kiev em um momento de grande tensão política no país: a Revolução da Ucrânia, também chamada de Euromaidan que teve início em novembro de 2013. O movimento civil que levou a deposição do presidente Viktor Yanukovytsch exigia uma maior integração com a Europa, através da adesão da Ucrânia à União Européia. O clima de tensão seguiu até o final das filmagens, momento em que ocorria a Crise da Crimeia, uma reação aos acontecimentos em Kiev por parte dos russos étnicos que defendiam uma integração com a Rússia ou até mesmo a independência da região da Crimeia, que culminou com a invasão pelo exército russo na região. Slaboshpytskyi disse sobre as filmagens: “Eu filmei em uma atmosfera dentro do país em que cada instituto, cada instituição social, cada governo operava em um princípio como de um grupo mafioso, a atmosfera de esperar entre alguns rebeldes a revolução”. (YAMATO,



2015) O bloqueio de ruas afetou as filmagens e o protagonista Grigoriy Fesenko (Sergey) inclusive participou dos protestos em Kiev durante as filmagens.

Tudo no filme parece colaborar para criar uma distância emocional entre espectador e personagens. Os elementos filmicos estão lá para lembrar que aquele é o Outro incompreensível seja ele de outra etnia, portador de deficiência, adolescente rebelde, criminoso ou de qualquer outra tribo.

A *Gangue* nos leva a uma desconstrução da forma de assistir cinema. Sua ausência de linguagem verbal oral ou escrita e sua economia na linguagem cinematográfica leva a um realismo que surpreendentemente nos aproxima da condição dos personagens. A primeira condição que salta aos olhos é a surdez mas ela pode ser também uma metáfora para tantas outras diferenças.

No que tange a representação dos surdos no cinema, é importante ressaltar a ruptura que o filme promove também nesse sentido. Primeiro por escalar um elenco totalmente surdo e de usuários de língua de sinais. Ao fazer isso, Slaboshpytskyi foge do estereótipo do surdo vitimizado ou marginalizado diante do ouvinte. O surdo de *A Gangue* também não é uma criatura idealizada e sem defeitos, muito pelo contrário. São personagens complexos e humanos. Dessa forma, ao romper com a representação do surdo vitimizado perante o ouvinte e construindo personagens mais complexos, o filme acaba empoderando essa comunidade, ao invés de explorá-la.

O sucesso do filme no circuito dos festivais acabou colocando também a língua de sinais e a comunidade surda em destaque. Apesar de desinformações serem comuns nas matérias sobre o filme, como o uso do termo surdo-mudo, a equivalência da sinalização à gestos ou a constante referência à ausência de linguagem verbal, existe também discussões aprofundadas sobre linguagem. Uma delas trata da qualificação ou não do filme a concorrer na categoria de melhor filme estrangeiro no Oscar, que em inglês trata de filmes “em língua estrangeira”. Para concorrer, o filme deve ser um longa-metragem produzido fora dos Estados Unidos da América, com uma trilha de diálogos predominantemente não-em-ínglês. A palavra trilha está associada a diálogos sonoros, portanto, nessa perspectiva, um filme em língua de sinais não estaria apto a concorrer. De qualquer maneira, outra decisão política acabou impedindo essa discussão de ser levada adiante já que o filme indicado pela Ucrânia naquele ano foi outro, abertamente pró-Rússia e apoiado pelo governo.

## **Tecendo um diálogo entre Educação Ambiental e a Educação Bilíngue de Surdos: analisando as falas de dois participantes**

O público do Cineclube, após assistir o filme *A Gangue* (2014), iniciou a discussão falando da importância da Língua de Sinais no contexto dos surdos. O fato do filme se constituir apenas de personagens surdos, usando língua de sinais, sem legenda, gerou bastante discussão entre os presentes.

Em qualquer língua, as relações sociais possuem um papel fundamental na constituição e aquisição, ou seja, a língua também precisa de um contexto para ser adquirida. Nesse sentido, a educação bilíngue para surdos permite que estes aprendam a Língua Portuguesa na modalidade escrita e aprimorem sua Língua de Sinais, sendo essa modalidade de ensino assegurada por lei. (BRASIL, 2008, p. 11)

A educação bilíngue tem como preceito aceitar a diferença, promovendo um novo olhar para a diversidade (seja na relação ouvinte-surdo, surdo-ouvinte e até mesmo surdo-surdo). Nesse ínterim, no caso dos surdos, sua identidade (PERLIN, 1997) e cultura (STROBEL, 2008) devem ser respeitadas. O jeito surdo de perceber o mundo, com suas percepções visuais, além de sua língua, deve se inserir no contexto pedagógico, no ambiente onde interagem. Fernandes e Moreira (2014), ao contextualizarem a história do bilinguismo surdo, explicam que, no caso dos surdos brasileiros, o bilinguismo se constitui:

Numa situação em que a comunidade surda tem um alto grau de identificação com a língua brasileira de sinais (Libras) e a utiliza cotidianamente no encontro surdosurdo, ou surdo-ouvinte bilíngue. Por sua manifestação se dar por signos visuais (e não orais-auditivos, como na grande maioria das línguas naturais), implica uma constituição de sentidos sobre o mundo diferenciada, forjando uma cultura visual (com produções na arte, na literatura, no humor, na vida social e esportiva...) com impactos que assemelham os surdos a outros grupos étnicos que utilizam línguas minoritárias (como os indígenas, por exemplo). A despeito dessa identificação com sua língua de conforto, a língua portuguesa é a língua oficial do país, pela qual se realizam as interações sociais básicas, desde a família, à escola e o trabalho. Isso impõe a necessidade do uso social do português em ambientes formais, que assume o status de segunda língua para os surdos brasileiros, obrigatório no processo de escolarização dos surdos. Essa situação caracteriza formalmente a condição bilíngue dos surdos brasileiros. (FERNANDES E MOREIRA, 2014, p. 57 e 58)

Novamente as autoras usam a palavra “ambiente” para contextualizar os usos das línguas adquiridas por surdos, nos remetendo primeiramente à importância do “ambiente” para que o bilinguismo aconteça.

A partir deste conceito de uso de língua e bilinguismo e da exibição do filme, um dos presentes, após perceber a particularidade do filme – todo realizado e exibido apenas na língua de sinais – além dos posicionamentos dos atores surdos, afirmou:

“os surdos gostaram bastante, pois o filme era na língua de sinais, mesmo que esta não fosse a Libras (Língua Brasileira de Sinais). Os surdos se sentiram representados e identificados, pois perceberam que havia surdos atores e diretores. Nem sempre conseguiram entender todos os sinais, mas a grande maioria era perceptível pelo contexto e pelo visual do filme. O interessante é que, neste momento, todos os expectadores (surdos e ouvintes) tinham o mesmo entendimento do filme, já que era numa língua de sinais estrangeira e desconhecida por todos.”

Puig (1998), dissertando sobre a formação da personalidade moral, propõe a formação desta através do confronto com as condições socioculturais do “meio ambiente”, ou seja “mudam sua forma de pensar e comportar-se na medida em que modificam os laços que os ligam a seu meio”. (Puig, 1998: p.152). No contexto dos surdos, estes também passam pelo mesmo processo e estão inseridos num “meio ambiente” que abarca inúmeras comunidades, identidades e culturas diferentes da sua. Assim, há de se perceber também a necessidade de representatividade e empoderamento, além de emancipação, principalmente em relação à opressão que sofrem nos rótulos de incapacidade dos padrões societários. A visão medicalizada sobre a pessoa surda limita e oprime estes indivíduos. Para combatê-lo, Loureiro (2004) explica que é necessário um movimento constante de construção do ser na dinâmica nem sempre justa da vida, buscando sempre o papel da criticidade na formação das identidades:

[...] Em termos concretos, isso significa atuar criticamente na superação das relações sociais vigentes, na conformação de uma ética que possa se afirmar como — ecológica e na objetivação de um patamar societário que seja a expressão da ruptura com os padrões dominadores que caracterizam a contemporaneidade. Assim posto, privilegiar somente um dos aspectos que formam a nossa espécie (seja o ético, o estético, o sensível, o prático, o comportamental, o político ou o econômico, enfim, separar o social do ecológico e o todo das partes) é reducionismo, o que pouco contribui para uma visão da educação integradora e complexa de mundo. (LOUREIRO, 2004, p.73)

Sobre isso, Santos (2013) em sua dissertação de mestrado, explica que o surdo, em sua história, naturalmente possui marcas de opressão e domínio por parte da predominância ouvinte. O discurso surdo de respeito à diferença quer finalizar estereotipamentos (incapazes, deficientes) e buscar poder e autonomia dos surdos, manifestados também nas relações de poder propostas pelo sistema capitalista, onde não há

igualdade em nenhum âmbito da vida. Sente-se nestas falas que a Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, ainda é um artefato cultural forte de enfrentamento e manifestação das representações dos surdos, sendo este filme um artefato interessante na defesa desse contexto de uso de língua e valorização do conceito de comunidade.

Além disso, percebemos que, emergiu das discussões questões acerca de preconceito entre os próprios surdos. Essa temática surgiu já que, no enredo do filme, a gangue de surdos era preconceituosa com um surdo que tinha síndrome de down. Os surdos expectadores conseguiram perceber esse traço de preconceito e discordaram das atitudes do grupo de surdos do filme; a grande maioria dos surdos que teceu comentários sobre essas cenas afirmou que o grupo de surdos deveria acolher o surdo com síndrome de down e não rejeitá-lo, como ocorrido no filme.

Outro aluno ainda disserta:

“As cenas de sexo, violência e o aborto clandestino também causaram discussões e divergências de opiniões entre o que é certo e o errado. Não houve nenhuma falta de respeito com o conteúdo do filme e este gerou discussões profundas sobre sexo e morte. O final do filme também foi chocante, já que um dos surdos mata todos os seus amigos de grupo, também gerando discussão após o filme sobre o assunto.”

“Foi unânime o fato de que todos os personagens eram surdos, deixando claro para eles que independente da sua condição de serem surdos, eles podem atuar e que o surdo não precisa se vitimizar; ele é um ser capaz de chegar onde quiser. Além disso, um dos surdos ressaltou os surdos não são padronizados. A comunidade surda não é perfeita. Os surdos podem ter maldade, podem ser violentos, como em qualquer grupo social. Os surdos quiseram mostrar que a comunidade surda é também um espelho da sociedade dos ouvintes. Além disso, surgiu na discussão o preconceito entre os surdos, já que o grupo de surdos no filme era preconceituoso com o surdo que tinha síndrome de down.”

A partir dos comentários acima transcritos, é perceptível que a Educação Ambiental também possui a missão difícil de contextualizar e transformar a visão humana sobre o próprio ser humano. Essa visão transformadora, perspectiva essa direcionada por Loureiro (2006, por exemplo) permite enxergar além e descobrir seres humanos sociais e atuantes, também envoltos a uma série de relações de dominação e exclusão (SANTOS, 2013). Com os surdos não é diferente; como participam de uma comunidade de seres historicamente diferentes e de subjetividades distintas, não há como esperar perfeição das atitudes e nos contextos sociais, principalmente estando esta minoria ramificada dentro da grande

sociedade cheia de valores tiranos e de subjugação. Portanto, apesar de serem minorias e, memoravelmente vítimas de preconceito, estas também podem reproduzir preconceito dentro da sua própria comunidade.

Santos (2013) corrobora com as ideias de Nunes, Dandolini e Souza (2011), que, em seus estudos, perceberam o preconceito envolto nas relações entre surdos, por exemplo, de surdos que usam a Língua de Sinais e surdos que não a utilizam e sim, utilizam o Implante Coclear e a língua oral. As autoras, sobre o preconceito nesse contexto, dissertam:

Está na hora de ficar claro que nem todos os surdos nasceram assim, que muitos que nasceram com surdez, por diferentes caminhos, voltaram a ouvir; que muitos emudeceram, mas outros se comunicam oralmente sem maiores dificuldades; que entre os brasileiros há analfabetos da língua portuguesa; da mesma forma, entre os surdos, há muitos que desconhecem a Libras e muitos que a dominam sem jamais terem sido surdos. Está na hora de os surdos se conhecerem melhor, de incluir-se a si mesmos em seu grupo. (NUNES, DANDOLINI E SOUZA, 2011, não paginado)

Loureiro (2003) explica que a superação de atitudes como estas, também envoltas na comunidade surda exigem “mudanças radicais individuais e coletivas, locais e globais, estruturais e conjunturais, econômicas e político-sociais, psicológicas e culturais”; nesse sentido, revolucionar-se é “a transformação integral do ser e das condições materiais e objetivas de existência” (2003, p.39). Essa mudança inclui a maneira do surdo se ver como surdo e da sociedade aceitar as diferenças e peculiaridades dos surdos, de sua língua e cultura, além do seu processo educacional, se libertando dos padrões de pensamento, ditados por meios de comunicação e pelo pensamento majoritário opressor. Problematizar e refletir são atitudes que ajudam a cada indivíduo a agir criticamente consigo mesmo e com a realidade societária (SANTOS, 2013).

## **Conclusões**

Para tentar concluir a ideia na qual especificamos este projeto, é necessário falar que, foi desafiador encontrar obras para serem exibidas que não retratassem o surdo de maneira perjurativa, ou que ouvintes fizessem o papel de surdo (ou seja, onde não houvesse o protagonismo surdo na retratação de si mesmos nesses tipos de mídia). Sobre diretores surdos, das 10 obras, apenas 3 o são. Esse fato vem corroborar a ideia que o sujeito surdo ainda não tem uma voz presente na mídia, principalmente no contexto da direção de filmes. Ressaltamos também a necessidade de pesquisas nesta área como por

exemplo iniciadas por BUBNIAK (2016) no contexto brasileiro, com maior aprofundamento sobre mídias relacionadas de alguma maneira à comunidade surda em diferentes países do mundo.

Já nos filmes que contam com personagens surdos, nem todos retratam a cultura surda de uma maneira fiel, colaborando para ratificar a posição de vitimização em que os personagens surdos se encontram no cinema. Ressaltamos também que este não foi o caso do filme em questão, analisado neste artigo, *A gangue*.

Em resumo, no contexto do filme *A gangue*, algumas questões emergiram dos comentários de todos os presentes, em especial, neste artigo analisados, depois dos presentes na sessão. Podemos perceber que questões relacionadas à representatividade dada por um filme inteiramente numa Língua de Sinais sobre o surdo e a luta contínua por empoderamento e emancipação também podem ser compreendidas sob a ótica da Educação Ambiental.

No caso deste estudo, utilizamos a visão libertadora de Loureiro (2004), onde o autor apoia a crítica postura das comunidades, entre elas a comunidade surda, que desejam emancipação da visão majoritária de “normalidade”, quando explica que emancipar é a “possibilidade de construirmos os caminhos que julgamos mais adequados à vida social e planetária, diante da compreensão que temos destes em cada cultura e forma de organização societária, produzindo patamares diferenciados de existência”. (LOUREIRO, 2004, p. 67)

Além disso, emergiu a questão do preconceito dentro de minorias, demonstrados pelo filme por meio dos personagens surdos que agiam de maneira preconceituosa com um surdo que tinha Síndrome de Down. Nesse aspecto, transformar as percepções sobre o outro também é emancipar-se (SANTOS, 2013). Novas discussões e novas pesquisas também estão tratando de preconceito entre minorias, incluindo dentro da comunidade surda, como já ressaltado, espelho de uma sociedade completamente no contexto opressor. Novas lacunas nessa temática vêm surgindo e novamente, precisam de análise, *corpus* e estudo.

O Cineclube Surdo atingiu seu objetivo no sentido de mostrar o sujeito surdo sob outra luz, principalmente ao utilizar as mídias visuais como ferramentas metodológicas e expositivas. Outro aspecto a se ressaltar é que a visão medicalizada da surdez, que coloca o surdo como deficiente não foi nos filmes escolhidos evidenciada, retratando estes sujeitos como parte de uma comunidade/minoria linguística e de cultura diferentes.

Concordamos com as palavras de Freire (1988), onde é indiscutível pensar na

libertação com alienação, já que “a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 1988, p.67), e sem novas conexões entre Educação Ambiental, reconstruindo a própria consciência e modificando a realidade (LOUREIRO, 2006 p.53).

Por fim, ressaltamos que a educação ambiental não é unilateral; ela também não é o único viés no qual nos realizamos como seres sociais. Vivências de percepção sensível, definições de novos caminhos sustentáveis para vida e a produção de novos conhecimentos críticos sobre o nosso cotidiano pode ampliar nossas reflexões. Vivenciar esse processo de maneira multidirecional, em conjunto com o outro (nossos pares, nossas comunidades), superando a dominação e exclusão, pode nos dar uma nova perspectiva quanto às estruturas societárias atuais de maneira individual e em grupo, incluindo no contexto das comunidades surdas.

## REFERÊNCIAS

- A Família Bélier.** Direção: Eric Lartigau. France 2 Cinéma. Paris, 2014. 106 min.
- A Gangue.** Direção: Miroslav Slaboshpitsky. Ukrainian State Film Agency. Kiev, 2014. 132 min.
- Assassino em Silêncio.** Direção: Oxide Pang; Danny Pang. Film Bangkok. Bangkok, 2000. 105 min.
- BRASIL, Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>> Acesso: 16 de agosto de 2015
- BUBNIAK, F. P. Cinema Surdo: Uma Poética Pós-Fonocêntrica.** Dissertação de Mestrado. 2016. Universidade do Sul de Santa Catarina. 117 páginas.
- Deafula.** Direção: Peter Wolf. Signscope Films. Ventura, 1975. 95 min.
- FERNANDES, S., and MOREIRA, L C M. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro.** Educar em Revista 2 (2014).
- Filhos do Silêncio.** Direção: Randa Haines. Paramount Pictures. Los Angeles, 1986. 118 min.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido.** 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- I Love You.** Direção: Akihiro Yonaiyama. All Japan Film Center. Tokio, 1999. 111 min.
- Link Digital. Sessões de cinema no Câmpus Palhoça Bilíngue evidenciam a cultura surda.** Disponível em: <<http://linkdigital.ifsc.edu.br/2015/04/07/sessoes-de-cinema-no-campus-palhoca-bilingue-evidenciam-a-cultura-surda>> Acesso em 23 de junho de 2015.

- LOUREIRO, C. F. B. **Educação Ambiental Transformadora**. In: LAYRARGUES, P. P. (coord.) Identidades da educação ambiental brasileira/ Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- LOUREIRO, C. F. B. **Trajectoria e Fundamentos da Educação Ambiental**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- LOUREIRO, C. F. B. **Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora -Ambiente e Educação**, Rio Grande, 8: 37-54, 2003
- Nada Que Eu Ouça**. Direção: Joseph Sargent. Hallmark Hall of Fame Productions. Los Angeles, 2008. 120 min.
- NUNES, E., V., DANDOLINI, G., A., E SOUZA, J., A. **Uma reflexão sobre acessibilidade e inclusão: Adianta adicionar a Língua Brasileira de Sinais a um vídeo, se não houver legendas para deficientes auditivos que não dominam LIBRAS?** 17/06/2011. Planeta Educação.
- PERLIN, Gládis T.T **Identidades surdas In Skliar Carlos (org.) A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997
- PINO, A. **Imagem, mídia e significação**. In: Imagem: intervenção e pesquisa. Florianópolis: editor da UFSC, 2006. Organização de: Ana Maria Alves de Souza e Marise Matos Gonçalves.
- PUIG, Josep Maria. **A construção da personalidade moral**, São Paulo: Editora Ática, 1998
- SANTOS, S..F. **Educação ambiental: recursos imagéticos na produção de significação de um sujeito surdo**. Dissertação de Mestrado. 2013. Universidade Federal de Rio Grande. 158 páginas.
- SCHUCHMAN, John S. **Hollywood Speaks: Deafness and the Film Entertainment Industry**. Chicago: University of Illinois Press, 1999.
- STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- STROBEL, R. M. **Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão**. In: Revista Ponto de Vista. Florianópolis, n.05, p. 81-111, 2013. Disponível em: <[http://www.perspectiva.ufsc.br/pontodevista\\_05/05\\_quadros.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/pontodevista_05/05_quadros.pdf)> Acesso em 23 de junho de 2015.
- The Hammer**. Direção: Oren Kaplan. Film Harvest. Los Angeles, 2010. 108 min.
- YAMATO, Jen. **'Scarface' For the Deaf: Inside 'The Tribe,' a Graphic Crime Saga Featuring an All-Deaf Cast**. The Daily Beast, 2005. Disponível em: <http://www.thedailybeast.com/articles/2015/06/20/scarface-for-the-deaf-inside-the-tribe-a-ukrainian-crime-saga-featuring-an-all-deaf-cast.html> Acesso em 6 de abril de 2016.

*Submetido em: 16-10-2017.*

*Publicado em: 30-04-2018.*